

O desafio de promover diálogos entre os estudos de folkcomunicação e as perspectivas pós-coloniais motivou a publicação da presente edição temática da *Revista Internacional de Folkcomunicação* sobre o tema da decolonialidade. A proposta surgiu por iniciativa da realização, entre os dias 10 e 12 de junho de 2015, em Cuiabá/MT, da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Promovido pela Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) e pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o evento teve como pauta “Folkcomunicação e Pensamento Decolonial na América Latina” e reuniu diversos pesquisadores latino-americanos em torno de debates sobre o tema.¹

A aproximação crítica e criativa entre as duas perspectivas – folkcomunicação e decolonialidade – resulta em reflexões pertinentes e atuais que remetem ao contexto de subalternidade de determinados grupos e práticas culturais. Se, para Luiz Beltrão, os grupos marginalizados elaboram uma cultura própria e são capazes de produzir resistências a um tipo de hegemonia, uma vez que “constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a ideias e práticas generalizadas da comunidade” (BELTRÃO, 1980, p. 103)², o questionamento em torno das hierarquias sociais permite a atualização de uma leitura cultural diante de novas (e velhas) formas de opressão.

De acordo com o texto de apresentação da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação³, “na perspectiva decolonial, a cultura está sempre entrelaçada com os processos da economia política, não sendo considerada apenas uma variável dos processos econômicos”. A crítica à base capitalista da cultura situa-se, portanto, como ponto de convergência entre as perspectivas teóricas da folkcomunicação e do pensamento decolonial, em suas reflexões sobre as estruturas de poder.

A proposta de decolonizar o pensamento, desconstruindo hierarquias que promovem desigualdades entre os indivíduos, revela-se uma tarefa para o campo científico. Nas palavras de Mignolo, “a classificação e a hierarquização são um assunto epistêmico na construção da

¹ Informações sobre a Conferência Folkcom 2015 estão disponíveis em: <http://folkcom2015.blogspot.com.br/>

² BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

³ Disponível em: http://folkcom2015.blogspot.com.br/p/apresentacao_9.html

colonialidade do poder”.⁴ Desse modo, o abandono de uma ideia pretensamente universal de ser humano – baseada em um sujeito com sexo, cor e classe social reconhecidos – integra o processo de construção de paradigmas capazes de romper com leituras anguladas no Ocidente.

Segundo Mignolo,

“Colonialidad” es equivalente a “matriz o patrón colonial de poder”, el cual o la cual es un complejo de relaciones que se esconde detrás de la retórica de la modernidad (el relato de salvación, progreso y felicidad) que justifica la violencia de la colonialidad. Y descolonialidad es la necesaria respuesta tanto a las falacias y ficciones de las promesas de progreso y desarrollo que conlleva la modernidad, como a la violencia de la colonialidad. (MIGNOLO, 2014, p. 24)⁵

No presente dossiê temático, são apresentadas algumas reflexões teóricas, entrelaçadas com pesquisas empíricas, que evidenciam as possibilidades de aproximação entre a perspectiva da decolonialidade e abordagens folkcomunicacionais. A contestação de estruturas e hierarquias sociais, as reflexões em torno de epistemologias que problematizam a hegemonia do Ocidente, as práticas de resistência cultural de grupos e setores marginalizados ou subalternos, entre outros aspectos, reforçam a pertinência do tema e apontam para possíveis desdobramentos.

No artigo “Historia para la liberación: Crítica a la voluntad (Razón-Práctica) global”, o argentino Carlos Francisco Bauer discute a crítica radical à “vontade global”, desconstruindo a noção homogeneizante de identidade e tecendo marcos teóricos necessários para o debate em torno do tema. Também em uma abordagem de caráter teórico-conceitual, o artigo “A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias”, dos pesquisadores Itamar de Moraes Nobre e Vânia de Vasconcelos Gico, traz uma análise das bases epistemológicas da folkcomunicação,

⁴ MIGNOLO, Walter. Decolonialidade como o caminho para a cooperação. Entrevista. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5253&secao=431

⁵ MIGNOLO, Walter. Retos decoloniales, hoy. In: BORSANI, María Eugenia; QUINTERO, Pablo (orgs.). **Los desafíos decoloniales de nuestros días**: pensar en colectivo. Neuquén: EDUCO - Universidad Nacional del Comahue, 2014. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/332.pdf>

aproximando-a dos estudos pós-coloniais devido ao caráter contra-hegemônico do pensamento “alternativo” originário das classes subalternas.

A contracultura digital é tema do artigo de André Torres e Andréa Ferraz Fernandez, da Universidade Federal do Mato Grosso. Ao discutirem a cultura hacker a partir das criptomoedas, os autores apontam o que viria a ser caracterizado como cyber-folkcomunicação.

A cultura popular ressignificada é tratada por Luiz Gustavo de Souza Lima Júnior e José Carlos Leite, em artigo sobre o saber das parteiras e benzedeadas, na perspectiva decolonial. Também em uma aproximação com as manifestações populares, Sílvia Mara Davies e Larissa Menendez discutem as representações do folclore mato-grossense na obra do artista popular João Sebastião da Costa, repensando dispositivos de colonialidade.

Os pesquisadores Lawrenberg Advíncula da Silva, Aline Teles Nascimento e Luíza Purcino, por sua vez, analisam as manifestações da música “sertaneja caipira” no contexto das feiras, a partir do cantor Curioso, considerado agente folk. E, na perspectiva de valorização da cultura popular, também o artigo de Luzia da Silva Arruda e Yuji Gushiken aborda o jogo de capoeira como expressão cultural afro-brasileira caracterizada como “prática decolonial”.

Por fim, a revista traz ainda uma entrevista com a pesquisadora Vânia de Vasconcelos Gico a respeito da noção de contra-hegemonia na obra de Câmara Cascudo, realizada por Élmano Ricarte de Azevêdo Souza, Beatriz Lima de Paiva e Maria Erica de Oliveira Lima.

Com este conjunto de artigos, a *Revista Internacional de Folkcomunicação* oferece uma contribuição aos estudos pós-coloniais, fortalecendo as possibilidades de diálogo e atualização em torno das pesquisas folk. Sem a pretensão de mapear o que se tem produzido no país e mesmo no exterior sobre o tema em questão, a edição traz leituras teóricas e pesquisas empíricas que subvertem as tradicionais estruturas de pensamento, promovendo olhares angulados a partir do Sul, no esforço de repensar estruturas, objetos e paradigmas do saber científico na contemporaneidade.

Karina Janz Woitowicz
Maria Erica de Oliveira Lima
Yuji Gushiken